

Escalada de insensatez

Rogério L. Furquim Werneck*

Nunca houve a menor dúvida de que Lula da Silva estaria disposto a “fazer o diabo” para vencer a disputa presidencial. Mas, desta vez, sobram razões para crer que o diabo pode se afigurar bem mais assustador do que já foi no passado.

À primeira vista, pareceria ser só uma recorrência do velho padrão de farra fiscal que se viu em 2014, na reeleição de Dilma Rousseff, e, em 2022, com Jair Bolsonaro, coadjuvado pelo próprio Lula, que com ele travou um torneio desvairado de promessas eleitoreiras de reajustes do Bolsa Família que redundou na triplicação dos custos do programa.

A verdade é que, desta vez, o “fazer o diabo” vem assumindo contornos ainda mais preocupantes do que em 2014. É bom ter em conta que até mesmo Dilma Rousseff, passada a pior fase do delírio da Nova Matriz Econômica, tinha consciência de que a farra fiscal que vinha perpetrando era reprovável. Tanto é que fez das tripas coração para esconder do País, até o dia seguinte do segundo turno, que o superávit primário ainda vultoso que vinha prometendo para 2014 se transformara em déficit já avantajado.

No fundo, Dilma alimentava a fantasia de que, uma vez reeleita, poderia reverter seus desmandos na área fiscal. Foi o que tinha em mente ao nomear, para seu segundo mandato, um ministro da Fazenda com o perfil de Joaquim Levy.

O que agora se vê é bem diferente. O governo não vem dando qualquer indicação de que reconhece que a farra fiscal que vem promovendo é reprovável. Ou de que tem consciência de que os desregramentos de seus abusos eleitoreiros estão fadados a exigir medidas compensatórias ainda mais duras no futuro.

Muito pelo contrário, a equipe econômica do governo, agora, vem se empenhando em defender, em documentos oficiais, alegações sem pé nem cabeça que supostamente dariam respaldo à conclusão triunfalista de que a farra fiscal em curso não só faria todo sentido, como só traria benefícios ao País. Uma espécie de versão 2.0 da Nova Matriz Econômica.

Some-se a isso a desajuizada iniciativa de Lula de recrutar na ala jurássica do PT quem possa delinear o que será seu programa de governo, caso venha a ser reeleito aos 81 anos. Falam por si as notícias de conversas tortas recentes, em instituições financeiras, em que figurões petistas se permitiram desfiar idéias estapafúrdias de todo tipo, mencionando até mesmo controle de capitais.

Salta aos olhos que se trata de outro jogo, assustadoramente mais insensato, que só exacerba apreensões quanto a descaminhos de um Lula 4.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.